



Paravisão Obstruída

Paravisión Obstruida

Obstructed Paravision

Cristiane Dias Andriotti Pella

Resumo

Este relato aborda projeção consciente experimentada a partir de utilização de técnica projetiva, envolvendo, além de outros, o fenômeno da visão dupla extrafísica. A autora elabora, também, hipótese sobre o fenômeno de paravisão vivenciado.

Palavras-chave: autopermeabilidade; balonamento; clarividência; projeção consciente; visão dupla extrafísica.

Resumen

Este informe trata de la proyección consciente experimentada mediante el uso de una técnica proyectiva, que involucra, entre otros, el fenómeno de la visión doble extrafísica. El autor también desarrolla una hipótesis sobre el fenómeno de paravisión experimentado.

Palabras clave: autopermeabilidad; ballonnement; clarividencia; proyección consciente; visión doble extrafísica.

Abstract

This report addresses conscious projection experienced through the use of a projective technique, involving, among other things, the phenomenon of extraphysical double vision. The author also develops a hypothesis about the paravision phenomenon experienced.

Keywords: ballonnement; clairvoyance; conscious projection; extraphysical double vision; self-permeability.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O relato a seguir se refere a experiência projetiva realizada no dia 14 de dezembro de 2021.

A meta projetiva era estudar formas para ampliar meu nível de lucidez durante as projeções. De 0 a 10, sendo 0 projeção inconsciente e 10 projeção de consciência contínua e hiperacuidade, designo nota 7 para a presente experiência.

METODOLOGIA UTILIZADA

Recolhi-me às 11:05 da noite, com fones de ouvido, ouvindo a técnica completa projetiva de Saulo Calderon e seguindo suas instruções. Depois de acabado o exercício, retirei os fones, virei meu corpo em decúbito lateral sobre o braço esquerdo e meditei sobre a “técnica da gangorra” descrita no exercício, repetindo como comandos mentais 3 palavras-chave, simples e assertivas: balançar, projetar e rememorar, respectivamente.

A experiência foi realizada no quarto de dormir que divido com meu esposo e uma cachorra. Foi a primeira projeção bem-sucedida realizada neste ambiente da casa.

FENÔMENOS PROJECIOLÓGICOS IDENTIFICADOS

Autopermeabilidade; balonamento; clariaudiência; clarividência projetiva; decolagem; estado vibracional (EV); paratato; visão dupla extrafísica.

RELATO

Fiz a técnica elaborada pelo Saulo e depois me virei de lado para dormir, concentrada em me projetar, rememorar e balançar. Adormeci. Despertei sentindo como se o P. (meu esposo) me tivesse chacoalhado e lembro de perguntar “o que?”, no que ele respondeu com um murmúrio: “que o que?”. “Você estava me chacoalhando” - eu disse e o ouvi uma risadinha. (Na manhã seguinte, meu esposo me garantiu que não despertou durante a noite. Concluo que fui despertada, por alguma forma de clariaudiência, talvez com o auxílio de amparadores.)

Senti o EV e soube que estava começando a me projetar. Ouvi o já conhecido estalo na cabeça, que anuncia a decolagem. Segurei a respiração e deixei a sensação de levitar se tornar completa. Tentei abrir os paraolhos, foi muito difícil, e o que consegui foi abrir meus olhos físicos; vi meus braços sobre o travesseiro, sentindo-me ainda interiorizada. Fechei os olhos novamente, com medo de que o ato de olhar abortasse a decolagem, como já aconteceu antes. Continuei tentando me desvencilhar do corpo, tornando a mentalizar o balanço.

Não senti a segunda decolagem, mas percebia a leveza típica do balonamento, de modo que não sabia se havia sido bem-sucedida em sair do corpo, ou não. Esperei um momento, tentando captar as sensações. Sem conseguir chegar a alguma conclusão, decidi me levantar para experimentar qual era o meu estado de consciência. Sentei-me na beirada da cama, sentido o macio do colchão, a textura do lençol, e me levantei, ainda de olhos fechados, andando em direção à porta do quarto. Mesmo me movimentando,

ainda não conseguia definir qual era meu estado de consciência – se físico ou extrafísico. Cheguei à porta, ainda de olhos fechados, tateando. Pude sentir a madeira e o cheiro da tinta recém passada. Naquele instante, convenci-me de estar fisicamente acordada.

Lembro-me de ter pensado que, naquela confusão, seria fácil eu me machucar. Tateei a porta do quarto, procurando a maçaneta. Encontrei-a e a puxei. Ao invés da porta se abrir, meu corpo a atravessou para o espaço aberto do corredor.

Ri comigo mesma: “estou projetada!” Fiquei satisfeita com o nível de consciência e sensações que experimentava, tão semelhantes às da vigília física ordinária. Só a autopermeabilidade foi capaz de me convencer do estado projetivo em que me encontrava.

Imediatamente, pus em prática as metas que havia traçado. Deslizei pelo corredor, ainda com os paraolhos fechados, e muito rapidamente. Quando cheguei na sala, experimentei abri-los. Naquele momento, fiquei surpresa. Estava plena de consciência, mas havia algo que bloqueava minha visão em quase 90%.

A melhor maneira de descrever o que vi são aqueles aplicativos de celular que sobrepõem imagens artificiais numa foto, tais como molduras, paisagens, roupas, cabelos, etc. Diante dos meus paraolhos eu tinha uma “moldura” escura que formava espécie de triângulo, cujas bordas grossas eram escuras, havendo ponto retangular que tomava quase todo o meu campo de visão, da metade para o lado esquerdo. Aquele conjunto me deixava apenas entrever por algumas brechas no centro do “triângulo” e no canto direito do meu ângulo de visão.

Levei as mãos aos olhos e dei o comando de energizá-los, lembrando das lições do professor Waldo Vieira, de que as energias circulam através do cordão de prata e podem ser usadas para acurar a visão, aumentar a consciência, voitar, dentre outras, sob o comando da vontade firme.

Nada aconteceu. Fechei e abri os paraolhos algumas vezes, tentei esfregá-los com as paramãos (uma sensação estranha de toque, mas ao mesmo tempo de imaterialidade). A obstrução continuava. Chacoalhei a paracabeça e percebi que a “moldura” pareceu se deslocar um pouco, mas não saiu da minha frente. Não havia o que fazer quanto a isso e acabei desistindo de tentar clarear a visão, ou mesmo de ficar pensando no assunto.

Queria aproveitar a experiência ao máximo, ainda que com a visão quase totalmente obstruída por essa estranha moldura. Estava na sala de jantar e decidi dar uma olhada num dos móveis, armário bem antigo, sobre o qual tenho alguns objetos. Na parede sobre o móvel, onde não há nada atualmente, vi espécie de desenho. Era muito difícil focalizar nos detalhes com aquela obstrução dos paraolhos. Estava um pouco escuro também, embora houvesse mais luz ambiente do que eu poderia esperar, já que não havia nenhuma luz acesa no local.

O desenho parecia um quadro com cena medieval, como uma pintura de Bruegel, ou de Bosch, mas em preto e branco. Lembro de ter pensado: “que interessante!”. Desejei ardentemente focalizar e observar seus detalhes, queria discernir se era um morfopensene, registro *akáshico* (holomemória), ou imagem onírica, mas estava muito difícil focar com aquela obstrução.

Olhei sobre o tampo do móvel, mas, pelo mesmo motivo, não pude vê-lo inteiramente. Parecia haver alguma coisa sobre ele. Tateei até o objeto, percebi ser uma estatueta. Senti sua textura e a peguei entre as paramãos, erguendo-a até a altura que correspondia às “brechas” através das quais eu conseguia ver.

Olhei o quanto pude para a estatueta e ela me lembrou o personagem Dumbledore do filme Harry Potter. “Quem é você que parece o Dumbledore?”, perguntei tentando focalizar melhor o objeto e ouvindo minha própria voz reverberando estranhamente no ambiente. Não conseguia ver seus contornos com muita nitidez, tanto pela penumbra do ambiente, da estranha obstrução nos meus paraolhos, quanto também por certa falta de lucidez que parecia começar a cair sobre mim.

Naquele instante, sem qualquer sensação de repuxo, ou de volta ao corpo físico, simplesmente me vi novamente interiorizada e compreendi, imediatamente, por que havia um objeto diante dos meus paraolhos: eram meus próprios braços e parte do travesseiro que estavam diante dos meus olhos físicos, em uma posição que se encaixava perfeitamente na “moldura” que obstruíra a minha paravisão.

A lembrança do processo de decolagem voltou à minha mente num *flash* e tudo fez sentido imediatamente: durante a saída do corpo, tinha aberto os olhos de relance e creio ter feito isso como último ato antes do desprendimento do psicossoma. Quando fechei os olhos, temendo me interiorizar, creio ter fechado os paraolhos, deixando o corpo físico de olhos abertos na cama!

Olhei no relógio, eram 00:54. Em estado projetado, não devo ter ficado mais do que cinco minutos, se tanto.

ANÁLISE

O professor Waldo Vieira, quando descreve o fenômeno da visão dupla extrafísica, a define da seguinte forma:

Definição. Visão dupla extrafísica: visualização simultânea de 2 ambientes ou cenários diferentes, diretamente através dos olhos humanos – neste caso, por intermédio do cérebro (os olhos são apenas os órgãos visuais, porém é o cérebro que vê) – e também através da visão extrafísica (os paraolhos), neste caso, por intermédio da relação psicossoma-mentalsoma, fora do organismo celular, seja dentro do quarto de dormir (alcova energeticamente blindada) ou mais além. (VIEIRA, 2008; p. 508)

Em outra projeção autoinduzida, também experimentei o fenômeno da visão dupla extrafísica, mas de forma bastante diferente. Tal visão se deu por fração de segundo, alternando pontos de vista diferentes: pude ver a sala do ponto de vista extrafísico, já suspensa, seguido dos meus pés do ponto de vista do corpo físico e novamente a sala, do ponto de vista do corpo extrafísico, quando a paravisão se estabilizou cessando o fenômeno. *Não houve sobreposição de imagens.*

A dupla visão extrafísica é mais frequente como ocorrência pré-projetiva, embora possa acontecer também, mais raramente, depois de uma interiorização da consciência que se prepara para despertar fisicamente. (VIEIRA, 2008; p. 508)

Ou seja, o fenômeno da visão dupla é descrito pelo autor como ocorrência transitória durante a fase inicial ou final da transferência da consciência do soma para o psicossoma e vice e versa.

Na experiência do dia 14 descrita acima, contudo, não havia estado transitório. Eu já estava projetada, distante do quarto de dormir em cerca de 10 metros, plena de consciência, e permaneci assim quase até o fim da experiência. Digo “quase” porque não me lembrei, naquele momento, que de fato possuo estatueta de São Longuinho, semelhante ao arquétipo do velho mago, e naquele lapso de discernimento, incrivelmente me lembrei do personagem Dumbledore de Harry Potter. Durante todo o tempo, as duas visões, física e extrafísica, se *sobrepueram*.

Assim que voltei ao corpo físico, levantei-me para redigir o relato e, enquanto o fazia, experimentei sensação de desconforto no olho esquerdo. Lembrei de um dos relatos do professor Waldo Vieira, em que ele foi “chamado” de volta ao corpo físico, porque seu “braço direito ficara numa posição incômoda” (VIEIRA, 2013; p. 67).

A visão dos meus braços unidos sobre o travesseiro, em primeiro plano nos olhos físicos, por hipótese, repercutiu nos paraolhos como moldura escura. Já o que estava diante dos meus olhos físicos, mas em profundidade, não interferiu na visão dos paraolhos, correspondendo às brechas através das quais eu conseguia ver alguma coisa.

Todo o processo de decolagem e afastamento do corpo físico, com a experimentação de autopermeabilidade, paratato e clariaudiência, exclui a possibilidade de miniprojeção de clarividência viajora (VIEIRA, 2008; p. 172).

Cabe aqui considerar a expressão “ou mais além”, que finaliza o parágrafo já citado, que define o fenômeno da visão dupla extrafísica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso da visão dupla extrafísica, que em tese ocorreria “apenas” durante as fases transitórias, “diretamente através dos olhos humanos” (VIEIRA, 2008; p. 508), o que experimentei foi a persistência do fenômeno, mesmo depois do processo de decolagem ter sido completado e de eu já ter me afastado do soma em cerca de 10 metros.

Este experimento me permite formular a hipótese de que o fenômeno da visão dupla extrafísica não se restringe às fases transitórias do processo de projeção do psicossoma e pode persistir na forma de “sobreposição de imagens”, por tempo indefinido, ou até que os olhos físicos experimentem desconforto, provocando a interiorização forçada.

Entendo que a visão da “moldura obstrutiva” estava ocorrendo por intermédio do meu cérebro, que via meus braços e o travesseiro em primeiro plano diante dos olhos abertos. Mas, toda a experiência projetiva, com a persistência daquela obstrução, deu-se através dos paraolhos do psicossoma, sem alteração de pontos de vista e com sobreposição de imagens.

Faltam-me dados para compor melhor a hipótese “explicativa” para o fenômeno. Não sei, por exemplo, se desde a publicação do tratado Projeciologia, que aqui me serve como referência, surgiram

relatos de experiências análogas a essa. Sou novata tanto na projeção autoinduzida, quanto nos estudos relativos a este fenômeno. Mesmo assim, não posso me furtar de tentar entender melhor essa experiência, na esperança de que pesquisadores veteranos possam contribuir para isso.

REFERÊNCIAS

1. CALDERON, Saulo; *Técnica Completa Projetiva*; disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ULQRQPTzs1M>>; acesso em 10/12/2021.
2. VIEIRA, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 10ª. ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2008; p. 172 e 508.
3. VIEIRA, Waldo; *Projeções da Consciência: Diário de Experiências Fora do Corpo Físico*; 9ª. ed. (E-book); Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2013; p. 67.

Cristiane Dias Andriotti Pella, graduada em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas; atuou nas áreas de docência - Ensino Médio e Ensino Superior (Universidade do Estado do Amazonas e Faculdade Santa Bárbara); pesquisou na área de comunicação comunitária - Grupo de Trabalho Amazônico (GTA) e *Greenpeace*; administra propriedade familiar - Sítio Água Bonita, em São João da Boa Vista - SP.

E-mail: dey.andriotti@gmail.com